Pedra, tesoura, papel, amor♦

Marcus André Vieira
AME da EBP/AMP

Clique para acessar

Referência:
Vieira, M. A. Pedra, tesoura, papel, amor. Boletim Cartas de amor – XIII Jornadas da EBP São Paulo, 2025. Disponível em: < https://ebp.org.br/sp/jornadas/xiii-jornadas-jogos-doamor-parcerias-contemporaneas/boletim/>

Os caminhos do amor costumam seguir ânsias de união, mas o acasalamento ideal com a cara metade, ou mesmo o de um sujeito com seu objeto complementar, apresentam-se, na experiência analítica, apenas como um mito de origem, o de uma totalidade perdida.

Na experiência concreta, a união das duas metades originais jamais se verifica por ser inviabilizada pela apresentação constante daquilo que, com Lacan, chamamos *gozo* - a presença, corporal, de um excedente de vida que não se realiza, apenas insiste e impede qualquer soma sem resto.

Uma fração deste gozo pode se localizar, incorporar-se ainda que de modo paradoxal exatamente como resto, objeto íntimo e estranho, dentro e fora ao mesmo tempo, *êxtimo*, que produz, repetidamente, encontro e desencontro, fascinação e angústia. Será a junção de um corpo com aquilo que o excede.[1]

Ocasionalmente, esse gozo apresenta-se igualmente deslocalizado, puro desassossego entre assombro e êxtase. Sua primeira aproximação na teoria analítica sob esta forma-sem-forma se deu a partir da condição sem lugar do feminino na cultura dita ocidental. Lacan, em seu vigésimo seminário, vai reservar para este modo do gozo no corpo a expressão *Outro gozo*, ou ainda *gozo suplementar*.

A consideração desta experiência de gozo no trabalho analítico leva a uma série de consequências. Quero examinar o modo como o amor encontra, em seus encontros com o Outro gozo, um modo de resolução chamado por Lacan neste seminário de um *novo amor*.

♦ Esse texto é a compilação de uma longa versão anterior, redigida há mais de duas décadas a partir de notas deixadas de lado em minha tese de doutorado. A ideia de uma publicação em nossos dias exigiria que tudo fosse reescrito. Decidi apenas enxugar e acrescentar uma introdução, esperando que o leitor possa encontrar, em meio ao tanto que no texto é datado, algo ainda de interesse. A versão completa pode ser lida em www.litura.com.br.

[1] Nos termos de Lacan, em uma análise, sob o "um mais um que, de dois, fazem Um" do amor vamos encontrar o "um mais ***a***" (Lacan, J. (1972-1973), *O Seminário, livro 20*, Rio de Janeiro, JZE, 1985, p. 67).

Vamos abordar este novo amor de maneira indireta, a partir do que propõe Lacan alguns anos mais tarde com base em um jogo de crianças. Creio que podemos tomá-lo como presentificação do modo de encontro que inclui a contingência, mas que ainda assim é conexão e criação de um "nós", um "comum" advertido de sua transitoriedade.

O Um do mito e o Um do gozo

Antes de abordar o jogo, uma palavra a mais sobre o amor e o Um. Se o amor é a ilusão do Um, quais os mecanismos de materialização e eternização desta promessa de unificação? Como se faz casal?

É o próprio mito de Um, de uma totalidade originária rompida que virá sustentar a ideia de duas almas gêmeas errantes pelo mundo em busca de seu complemento. Por isso Lacan dirá "o amor é apaixonante".[2]

Ele não é a paixão, mas a desperta. É o que vem traduzir a célebre fórmula *amar é dar o que não se tem (a quem não quer)*, que estrutura a superposição de duas apaixonantes faltas, produzindo o encontro amoroso - como em seu esquema da alienação e da separação em *O Seminário 11*.[3]

Ao enfatizar o Outro gozo, Lacan trará uma nova maneira de articular amor e paixão. Em *O Seminário 20*, associará o pulsional da paixão à contingência e a estabilidade do amor à necessidade. O amor será situado a partir da tensão entre o Um - não mais mítico, mas representado pela *necessidade* - e o real, apresentado pela *contingência*. É o que sintetiza a seguinte fórmula: "o deslocamento da negação do para de não se escrever ao não para de se escrever, da contingência à necessidade é o ponto de suspensão ao qual todo amor está agarrado".[4]

O amor é a miragem da relação sexual duradoura, estabelecida a partir de um encontro contingente. Ele tenta fazer deste contingente um necessário. Não é nada além de um pequeno delírio acreditar que neste encontro exista a mínima permanência, mas neste engano funda-se o amor que, por sua vez, garante ao mito sua perenidade por criar condições propícias ao encontro. Se este sonho de permanência do Um amoroso dura, porém, sobrevém a angústia.[5]

Dando corpo a esta tensão entre contingente e necessário encontraremos uma série de oposições, muitas vezes pobremente binarizadas, entre Eros e Tanatos, por exemplo, Pulsão de vida e de morte, Obsessivo e Histérica. Esta bivalência é, porém, justamente o último reduto do Um, da crença na relação sexual. Pode-se abrir mão de todos os ideais, mas resta o de uma polaridade inicial, que

---

[2] "O amor é apaixonante (...), mas isso implica que sigamos as regras do jogo, (...) um jogo cujas regras desconhecemos. Se esse conhecimento precisa ser inventado para que seja sabido, talvez seja para a isso que o discurso psicanalítico sirva" (Lacan. J. (1973-1974), *O Seminário, livro 21*, *Les non-dupes errent,* (inédito), lição de 12/3/74).

[3] Lacan. J. (1973-1974. *O Seminário, livro 21*, *Les non-dupes errent,* (inédito), *ibid.* e VIEIRA, M. A. "Algumas considerações sobre o amor, a paixão e o afeto". In: Ribeiro, M. A.; Motta, M. (Org.), *Os destinos da pulsão*, Rio de Janeiro, Contra Capa, 1997, p. 131-144. Para o recobrimento de duas faltas, assim como sua tradução pulsional pelo esquema do objeto da pulsão como circuito em torno do vazio, cf. Lacan J. (1964-1965) *O Seminário, Livro 11 (Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise), Rio de Janeiro, JZE, 1988, pp. 169 e 233.*

[4] Lacan, J. (1972-1973) *O Seminário, livro 20*, p. 199.

[5] Na fórmula precisa de Lacan: "fazer deles, dois juntos, tem, como limite, o fazer deles, dois" [*…faire d'eux deux-ensemble trouve sa limite à "faire d'eux" deux*] (Lacan, J. "O Aturdito", *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, p. 494.

engendraria a vida e sua continuidade, fazendo com que o absolutamente dissemelhante se apresente como duas faces do mesmo.[6]

O amor então é constituir uma complementaridade ilusória entre ambos obliterando o intervalo entre eles, engodo que o aforismo lacaniano *não há relação sexual* denuncia.[7]

L'insu que sait

Há que se acreditar na relação sexual, porém, senão não há encontro. É preciso ser tolo (*dupe*) para poder amar. É preciso negar a castração, para, no mesmo movimento reafirmá-la. É preciso nada querer saber para poder acreditar na miragem do Um e, por isso mesmo, morder o naco de real que o encontro amoroso propicia. O paradoxo é o mesmo da transferência. É preciso não saber do inconsciente, que revela esta estrutura para fazer análise, mas ao mesmo tempo é preciso saber do inconsciente e ao mesmo tempo sabê-lo.

Como, então, se estrutura esta outra via por onde a experiência analítica faz do amor uma porta para o real? Podemos examinar agora a forma de relação sugerida pela *mourre*, já desde o título do seminário de Lacan *L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre.*[8]

A este título hiperpolissêmico é impossível fixar um sentido, mas podemos privilegiar dois deles.

O primeiro se liga à homofonia: Pode-se ouvi-lo como O insucesso do inconsciente é o amor", ou seja, *L'insuccès de l'Une-bévue c'est l'amour* (tomando-se *Une'bévue*, um-vacilo ou um-tropeço, em francês como o Inconciente, modo como traduz Lacan o *Unbewusste* de Freud). Esta frase corrobora e sintetiza o que vimos até aqui.

Este título pode, porém, nos ensinar muito mais. Dissemos que é preciso certo não-saber para viver, mas isto parece contraditório com a psicanálise, pois, neste caso, seria um não-saber específico, o não saber do inconsciente, um saber que não se sabe.

Então, parece que uma psicanálise realizaria algo novo: um novo amor e um novo saber, que tem necessariamente a estrutura de um saber que não se sabe. A partir daí podemos propor, seguindo uma via mais literal, a seguinte maneira de se ler o título de Lacan: *de l'une bévue que sait l'insu c'est la mourre*. "Algo do inconsciente, que sabe o não sabido, é a *mourre*".

---

[6] Essa é essência do casamento, em seu sentido mais geral, do que faz o cimento do casal. Examinemos melhor esta complementaridade. Trata-se de olhar a nossa volta e perceber o quanto o amor deve ao casal patriarcal situado como o encontro de um Homem, assentado sobre o todo do significante, onde só há regras universais e exceções que fundam as regras. Toda singularidade indizível é aqui tratada como particularidade, exceção à regra. Este Homem se endereça à uma Mulher, que cede de sua relação verídica com o real, aceitando que sua singularidade seja lida como peculiaridade, capricho, histeria. Temos aí sempre o encontro de um homem incapaz de defender as proposições universais das quais ele se autoriza e uma mulher decidida à não consentir com nenhuma. Pensemos em Otelo, que acredita na traição por dedução racional, mas por não levar em conta a singularidade mínima se engana. Outras articulações entre o Todo e a exceção são também possíveis: O gostosão que acredita que as mulheres só chegam ao Todo através dele, a periguete acreditando que todos os homens estão prontos a ceder de sua relação como Todo por ela, o otário que acredita no todo (o que, no nível das relações, constitui-se como o dito corno, que acredita sempre que a sua mulher é a Mulher, e que portanto diz a verdade toda); ou ainda a mulher de malandro prestes a tudo por seu homem e nisso encontrando o Todo. Tomamos aqui alguns tipos criados descritos por Milner e acrescentamos outros (Cf. Milner, J. C. *Os nomes indistintos*, Rio de Janeiro, Cia das letras, 2006.

[7] Não retomarei as fórmulas com as quais Lacan situa e o gozo localizado, dito fálico e o gozo Outro, deslocalizado, basta associar a eles os termos *Todo* e *nãotodo*. Contudo, até a articulação entre estes termos, que passa longe da lógica da vida amorosa descrita acima por ser tomada por uma costura pulsional idealizante entre Todo e o *nãotodo*, entre gozo do Um (localizado) e o Um do gozo (deslocalizado).

[8] Lacan, J. (1976-1977) *O Seminário, livro 25, L'insu que sait de l'une bévue s'aile à mourrre*, (inédito), *Ibid.*

Em que esta *mourre* que Lacan insere em seu título e a qual faz referência em diferentes momentos de seu ensino pode nos ajudar a pensar o que produz uma análise sobre o campo do amor? Vale a pena? Não seria apenas uma brincadeira de Lacan? O leitor dirá, mas creio que o jogo indica uma resposta possível à questão: O encontro existe, é gozo contingente e momentâneo, mas ele não poderia, sem fazer um Todo, fazer nó? Um enlace entre amante, amado e o algo mais do objeto a?

A *mourre*

O termo vem do latim *mora* que através do italiano *morra* chegou à *mourre* em francês. A etimologia do termo não remete a jogo algum, apenas encontra-se o mesmo radical latino em de*mora*, ou de juros de *mora*.

Mantenho o termo *mourre* em francês por remeter a um jogo que, salvo engano, não é praticado em nossas terras. Apesar de inúmeras variações, ele se situa entre o par ou ímpar, o pedra-tesoura-papel e nossa "porrinha", ou jogo de palitinhos. Cada participante deve exibir com seus dedos um número de zero a dez ao mesmo tempo em que seu parceiro e ambos dizem o número que, segundo cada um, corresponderá à soma dos dois números exibidos. Ganha quem tiver "lido a mente" de seu parceiro e feito o palpite correto. O jogo pode incluir um número indefinido de participantes, como no caso da porrinha, mas nos centraremos no modo mais diretamente próximo da experiência comum da relação amorosa, sua variante com apenas dois participantes.

Em um primeiro momento de seu ensino, Lacan faz referência ao jogo como o do nosso pedra-tesoura-papel, destacando como ele encerra uma infinitude circular em seus resultados, uma "relação de dominância circular". Mesmo que, como no amor se possa dizer que a cada vez há um vencedor e um vencido, um amante e um amado, pela eternidade a pedra quebra a tesoura, que corta o papel, que embrulha a pedra, que quebra a tesoura... [9].

Em um segundo momento, Lacan não contradiz a ilimitação que o jogo encerra, mas o situa igualmente como operando um enlace. Faz referência à *mourre* para aludir a seus três elementos "pedra, tesoura e papel" como os de um nó a três, em analogia com o que haveria operado a personagem de M. Duras Lol V Stein se reconstituindo em um *ser-a-três* amoroso e sexual com dois outros personagens.[10]

Cada uma dessas indicações merecia longa exploração, que deixaremos de lado por visar o último apontamento de Lacan quanto a esse jogo. Neste contexto, do seminário *L'insu*, o que será abordada é a variante "porrinha" do jogo

Lembrem que os dois jogadores pensam em um número que representará a soma dos dedos exibidos por cada um e o dizem ao mesmo tempo em que mostram, ambos, um número com seus dedos.

---

[9] «Comme au jeu de la mourre, de la morra où ciseaux, pierre et papier se gagnent en rond indéfiniment, pierre brisant ciseaux, papier enveloppant pierre, ciseaux coupant papier, vous pouvez énoncer, en une analogie, qui recèle assurément quelque chose de plus complexe, que les trois termes de mes derniers discours (...) sous les rubriques du sujet, celui que j'ai mis le plus de soin à aiguiser, pour votre entente, du savoir, ce dont il s'agit sous le nom d'inconscient (...) Le sexe, enfin, dont ce n'est pas non plus hasard, ni hâte si, n'ayant marqué la dernière fois, dans tout son relief, que le sens de la doctrine freudienne est que le sexe est une des butées, autour duquel, autour de laquelle tourne ce rapport triple, cette économie, où chacun de ces termes se renvoie de l'un à l'autre selon un rapport qui, de première approche, peut sembler être celui par lequel je vous l'introduis, d'un rapport de dominance circulaire » (19 mai 1965).

[10] Lacan, J. "Homenagem a M. Duras...", *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, 2003, p. 205.

Tendo em mente os dois aspectos já enfatizados anteriormente por Lacan, acrescenta-se, agora a pelo aspecto porrinha, do jogo, uma articulação curiosa entre saber, acaso e destino.[11]

Se meu número deu certo eu já o sabia por ter feito meu palpite, mas ao mesmo tempo não tinha como saber, portanto, *sabia sem saber*, celebre fórmula de Lacan para definir o inconsciente. O saber que passo a ter, a posteriori, quando as mãos se abrem, se apresenta claramente como um contingente que não passa ao campo do necessário, como em outras situações em que, ao ocorrer algo surpreendente, tendemos a dizer: *Maktub!* Estava escrito.

Quando um jogador acerta a soma pode dizer-se que foi sorte, ou ainda que foi o destino que assim o quis. Caso a leitura subjetiva do acerto contingente se dirija exclusivamente para o lado do necessário, tenderemos a dizer que somos bons empatas, que lemos bem a mente do nosso adversário (caso o jogo emule uma confrontação), ou que temos, o outro e eu algo em comum, uma afinidade profunda (no caso do jogo emular um romance). Por outro lado, caso a experiência subjetiva do jogo seja apenas no campo do contingente, há vencedor e vencido, mas o jogo perde boa parte de sua graça, perdendo seu elã dramático-pulsional.

Ao longo de várias jogadas, tende-se a ser tomado pela invencível sensação de que se leu a mente do parceiro, ou ainda de que ambos têm algo em comum. Imagine-se, por exemplo, que os dois gritem o mesmo número, ou exibam a mesma quantidade de dedos. Cria-se, deste modo não apenas uma competição, mas uma sensação de afinidade transcendente entre os parceiros.

O elã do entre

Talvez seja necessário que o leitor experimente um bom número de vezes o jogo para se persuadir da seguinte proposição que gostaria de sustentar: o acerto da soma dos dedos se situará necessariamente *entre* contingente e necessário.

Esta relação indica um laço libidinal que não se funda mais na premissa de uma fusão, mas de uma combinação ocasional entre dois que não perfazem um, mas que sustentam em ato o Um do encontro e não o da eternidade. Só se é jogador por estar jogando, mas é neste jogar que se realiza a pulsão como encontro desencontrado.

Podemos, finalmente, superpor esta parceria ao encontro entre um analista e um analisante. A transferência, digamos, clássica, se estabelece porque o analisante vem a amar a análise através do mito do Um. Jogando o jogo analítico, no entanto, aos poucos descobrem-se regras da fantasia do analisante que o analista não ensina, pois é o jogo que o faz. Por supor no analista, porém, o segredo das regras, vinculam-se a ele laços libidinais que sustentam o amor de transferência. Ao se apreender as regras de sua fantasia, pode-se, agora, jogar com outros, libertando-se o analisante do amor Unário da transferência até então que se torna prazer do encontro, amor à transferência de trabalho. É justamente este "poder jogar" que situa a passagem a analista, no ponto onde é possível seguir sem a escora do mito do Um. Uma ética do contingente se depreende. Somente enquanto jogo sou jogador, somente segundo certas regras que são a cada vez inventadas.

Concluo com um poema buscando a seriedade risonha do jogo por outro ângulo. Não será o de Rimbaud, trazido por Lacan em seu seminário *Encore* para nos aproximar do novo amor. Deixemos a épica da guerra, do rufar dos tambores deste mini poema referido por Lacan, possivelmente para dar ênfase à intensidade deste amor. Em uma referência mais pedestre, mais no clima de seu seminário cinco anos mais tarde, *L'insu*, proporia o seguinte:

[11] *Op. Cit.* LACAN, J. (1973-1974). *Le Séminaire Livre XXI Les non-dupes errent, (inédit),* lição de *12/3/74.*

Amor, então

Amor, então, também acaba?
Não, que eu saiba.
O que eu sei é que se transforma numa matéria-prima
que a vida se encarrega de transformar em raiva.
Ou em rima.

(Paulo Leminsky)